

biblioteca. Foi, a partir, porém, de 1128, quando Portugal se tornou reino independente, pois cristão já era, que os grandes mosteiros foram-se multiplicando, com as suas bibliotecas e os seus *scriptoria*. Até hoje são famosos o de Alcobaça, cujas coleções, valiosíssimas, estão depositadas na Biblioteca Nacional de Lisboa, o de Santa Cruz de Coimbra, o de Lorvão, o de Tarouca e tantos outros.

No Brasil, como em todo o Ocidente, na era cristã, as bibliotecas, públicas ou particulares, começaram também pelas casas religiosas. Os primeiros religiosos que aqui chegaram se dedicaram antes de tudo ao apostolado junto aos silvícolas, depois junto aos negros, sem nunca deixarem de lado o serviço religioso junto aos portugueses. Tinham, portanto, uma vida nômade, ou habitavam em aldeias primitivas e malformadas. Logo, porém, que as cidades foram nascendo e crescendo, e que esses padres, por força do seu múnus pastoral, iniciaram a construção de igrejas maiores e de conventos fixos, começaram também a colecionar livros e a montar arquivos. Onde nasceu um convento, nasceu também uma biblioteca. É um fato. São famosas as dos conventos de Olinda, do Recife, de Salvador. Não existe, entretanto, ao que saibamos, um estudo específico sobre a história das bibliotecas brasileiras, nos seus primórdios. É certo que os frades e padres tinham a mania dos livros e, mesmo sem um estudo histórico que o comprove, ninguém pode duvidar da existência de uma boa biblioteca no convento em que morava, estudava e escrevia um padre Vieira, cuja erudição é incompatível com estantes vazias. O seminário de Olinda é um outro exemplo: desde o século XVII era um centro de cultura e de erudição que só podia existir com uma boa biblioteca. Enfim, em todos os velhos conventos brasileiros, e são numerosíssimos, existem velhas coleções de livros e de manuscritos, daqui ou vindos da Europa.

De nosso conhecimento, o mais antigo documento a falar de biblioteca no Brasil data de 25 de agosto de 1703: é um breve do núncio proibindo que sejam emprestados os livros da "livraria" dos padres oratorianos do Recife. Em relatório aos seus superiores, um padre dessa Casa diz, textualmente: "Não é grande a nossa livraria, mas se reputa pela maior e melhor de Pernambuco." Esta afirmação dá a entender que havia outras